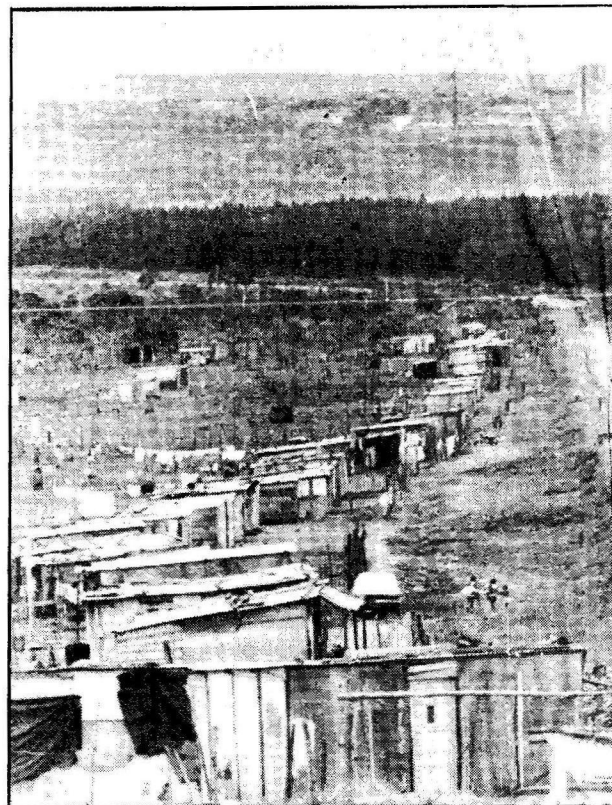
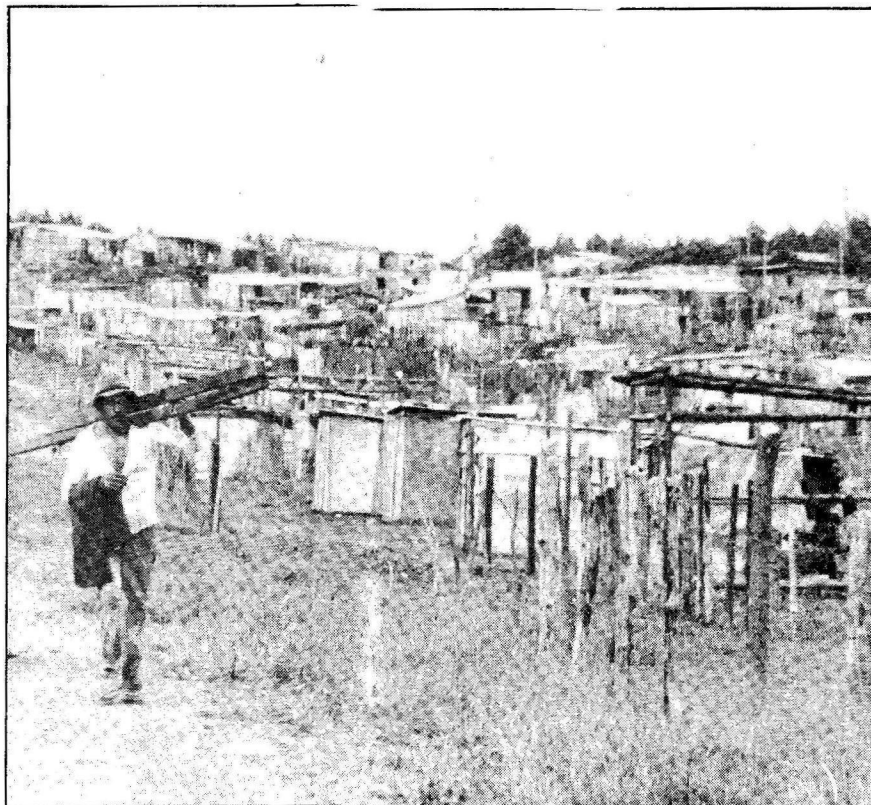




*Novos moradores continuam a chegar todos os dias à invasão da Vila Paranoá, que já se consolida com a abertura de bares e mercearias, e para a família de Celestina é um modo de fugir dos alugueis*

# Fiscal não intimida invasor do Paranoá

As quatro equipes de fiscalização e os dois helicópteros solicitados pela Secretaria de Viação e Obras para combater o surgimento de novos barracos nas invasões vão ter muito trabalho. Isto porque os invasores não estão se importando com a determinação do governo, que ordenou a derrubada de qualquer barraco que tenha começado a ser construído desde o último sábado, e continuam a erguer suas moradias. Várias construções têm surgido todos os dias na parte norte da Vila Paranoá. A maioria dos

novos proprietários é formada por pessoas que moravam de aluguel ou de favor em casa de parentes ou amigos na própria vila.

A maior parte dos mais de 100 barracos já existentes na invasão surgiu nos últimos três meses. Os ocupantes revelam que, até agora, nenhum fiscal da Terracap ou da SVO apareceu no local. Nem mesmo a Associação de Moradores do Paranoá tem conseguido conter o aparecimento das novas moradias irregulares. Com isso, a invasão tem crescido até de forma organ-

ziada e já começa a dispor de vida própria, com alguns pontos de venda, como pequenas mercearias e bares.

## Tem que sofrer

"A gente tem que sofrer pra poder ter um lugar onde morar", justifica Maria Celestina da Silva, que há cinco dias mora com seus nove filhos menores, debaixo de lonas e cobertores improvisados como casa. O marido de Celestina trabalha numa fazenda em Goiás e até ontem não tinha conhecimento de que a mulher resolvera invadir

um terreno. Aguardando agora a chegada do marido "para conseguir umas tábuas", ela diz que decidiu ir para a invasão porque não suportava mais "morar de favor".

Celestina residiu durante cinco anos na casa de uma comadre, na Vila Paranoá, e conta que ao ver várias pessoas construindo seus barracos no local sem serem molestadas resolveu garantir logo o seu espaço.

Outra invasora, Justina Francisca Nascimento Areda, enfrenta dificuldades parecidas. Ela e o ma-

rido chegaram com os sete filhos há dez dias na invasão e já construíram um pequeno barraco. Justina revela que invadir foi a única forma que eles encontraram para fugir do aluguel de Cz\$ 20 mil que pagavam na Vila Paranoá. O aluguel consumia metade da renda da família, formada apenas pelo salário mínimo que o marido consegue trabalhando como vigia. Nenhum dos sete filhos do casal — todos menores — trabalha.

## Namorando

José Carlos de Souza, que on-

tem à tarde terminava de construir o seu barraco, é um exemplo do invasor que veio de fora. Ele chegou há 15 dias de Carinhanha, interior da Bahia, e conta que desde então estava "namorando" a invasão, já que dividia no Paranoá um barraco

Para José Carlos, mesmo morando precariamente — ainda vai dividir o novo barraco com o cunhado — ainda é vantajoso ficar em Brasília. Ele relata que na sua cidade trabalhava na roça e o sofrimento era maior: "Lá chove pouco e não tem serviço".